

## J. PINTO CORREIA

José Manuel Duarte Pinto Correia nasceu em 22 de Abril de 1931 na aldeia de Tremês (Santarém), o primeiro dos 4 filhos, 2 rapazes e 2 raparigas, de Jacob Pinto Correia, médico naquela localidade.

Frequentou o ensino secundário em Lisboa no Liceu Camões, onde se destacou como um aluno dos mais brilhantes daquele estabelecimento de ensino.

Ingressou em 1949 na Faculdade de Medicina em Lisboa para a licenciatura em medicina e cedo as suas extraordinárias qualidades de inteligência, trabalho, perseverança e método se revelaram e o tornam o aluno mais qualificado do seu curso, que concluiu em 1956 com a média geral de 19 valores. A sua dissertação de licenciatura foi classificada com 20 valores e, para além da alta classificação, revelava já premissas das suas capacidades de método e investigação científica, a sua curiosidade pelos novos saberes que prenunciavam o inovador insatisfeito, sempre à frente do seu próprio tempo.

Terminada a licenciatura ingressou na carreira médica hospitalar nos Hospitais Civis de Lisboa que acumulava, em simultâneo, com a carreira universitária, ao princípio nas cadeiras básicas, ingressando mais tarde nas disciplinas clínicas, de que foi expoente marcante na Faculdade de Medicina de Lisboa e onde veio a fixar-se até à obtenção da Cátedra de Medicina Interna, depois de percorridos todos os degraus das carreiras médicas de então, a hospitalar e a universitária.

A necessidade e a ânsia de uma formação integral, ampla e profunda, cedo o fizeram saltar as barreiras limitadas do país e, já em 1958, parte para Inglaterra onde inicia um estágio e toma contacto com a florescente medicina inglesa de então.

A criação do Serviço Nacional de Saúde inglês, uns anos antes, com a reforma profunda da rede hospitalar, transformou a Inglaterra num verdadeiro cadinho da moderna prática da medicina científica e da nova metodologia e orgânica do trabalho nos Hospitais.

Interessado e orientado para a Gastroenterologia, ali viveu e alicerçou no seu espírito e no seu saber as modernas bases técnicas e científicas desta disciplina.

Reconhecendo o seu valor, entusiasmo e capacidade criativa, foi discípulo acarinhado do grande expoente da Gastroenterologia britânica e mundial que era Sheila Sherlock, a quem mais tarde e pela iniciativa de Pinto Correia foi concedido o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Lisboa, estreitando-se uma enorme amizade, colaboração e consideração mútuas que vários factos testemunharam ao longo da vida de ambos.

Mas a influência, o contacto e a troca de conhecimentos e experiências não ficaram pela Inglaterra.

José Pinto Correia relacionou-se pessoal e cientificamente com as maiores autoridades mundiais da Gastroenterologia moderna, nos Estados Unidos, na França, na Espanha, na Alemanha, na Holanda.

Mas as potencialidades do seu espírito inquieto e curioso não o limitavam, nem se limitaram nunca, ao campo estrito da ciência médica. Atento aos fenómenos sociais e cívicos, foi durante todo o curso de medicina um activo interveniente da Juventude Universitária Católica onde atingiu o topo da hierarquia organizacional à escala do país.

Esta consciência do saber e da intervenção global conservou-a José Pinto Correia durante toda a sua vida, conciliando, de forma irreprimível, a sua enorme capacidade de cientista e de organizador de um grande centro de medicina, com a intervenção cívica e social permanentes, mesmo naqueles dias últimos, de prodigiosa coragem, quando já conhecia com toda a clareza e consciência a chegada inevitável de uma morte anunciada.

Desde a formação e vida médicas à actividade universitária, das reformas sociais e políticas à filosofia religiosa, da amizade e amor pelos outros aos destinos profundos do homem e da humanidade, por tudo Pinto Correia se interessava, nada descurava e tudo sabia sintetizar no seu enorme método e capacidade de viver e de transmitir.

Nesta actividade multifacetada, não se limita Pinto Correia a ser um especulador introvertido ou um diletante passivo. Foi, ao contrário, um militante activo dos múltiplos interesses que o absorviam, e assim o encontramos como fundador e dinamizador da Sedes, na transição socio-política dos anos 60-70 e, em simultâneo, criador e primeiro Presidente da Sociedade Portuguesa de Educação Médica.

Acompanha, influência e promove, com persistência, os princípios que nortearam o Relatório das Carreiras Médicas de 1961 em todas as fases do processo que tentaram a sua implementação e, posteriormente, na luta pela sua manutenção, o que justificou, em 1986, a tentativa de o candidatar a Bastonário da Ordem dos Médicos, que não aceitou.

Com o 25 de Abril, a sua intervenção cívica não esmorece e vemo-lo, além de membro assumido do Conselho Português para a Paz e Cooperação, surgir e manter-se, até à sua morte, como vice-presidente da Associação dos Médicos Portugueses para a Prevenção da Guerra Nuclear, filiada portuguesa na influente Federação Internacional, a IPPNW, a quem é concedido o Prémio Nobel da Paz em 1985, que levou a uma intervenção notável de Pinto Correia, numa conferência de imprensa, realizada em Lisboa por altura da concessão do importante galardão.

Desta forma, Pinto Correia é, desde cedo, um destacado *leader* de opinião, cuja influência crescia, o que paradoxal, mas compreensivamente, pela acutilância do seu empenhamento e da sua personalidade, nem sempre facilitou a sua carreira académica, até atingir o topo.

A partir daí, alarga-se consideravelmente o seu campo de acção a nível internacional e consolida-se em Santa Maria uma grande escola de Gastroenterologia moderna, que instala pela primeira vez no país a grande maioria das novas técnicas e conceitos numa contemporaneidade com o seu aparecimento nos grandes centros estrangeiros.

Rodeado por um número crescente e interessado de discípulos, Pinto Correia promove e incentiva os seus estágios e preparação nos grandes centros mundiais da especialidade e cria um notável conjunto de *experts* nos vários campos da gastroenterologia, que influenciam, até hoje, decisivamente, a gastroenterologia de todos os centros nacionais por onde se dispersaram.

Já então Vice-Reitor da Universidade Clássica de Lisboa, para a qual planeava e iniciava uma grande viragem estratégica de transformação, em 1988, uma doença inexorável, *traído pelas costas como César*, pela própria ciência que tanto acarinhava (como escreveu nos dias finais a um amigo), levou ao seu desaparecimento precoce e brutal, criando um fosso que torna cada vez mais claro o gigantismo da sua obra e da sua personalidade.

A Universidade por iniciativa dos seus pares e discípulos já lhe prestou uma grande, comvente e justa homenagem.

A Câmara Municipal de Lisboa, por proposta da Ordem e dos Sindicatos dos Médicos, deu a uma rua de Lisboa, no Lumiar, o nome de Pinto Correia.

Para além do que sentem os amigos e os muitos discípulos, sete anos depois, é cada vez mais notória a sua falta na Faculdade de Medicina, na Universidade e na vida Médica e Social do País.

ANTÓNIO GALHORDAS